

A carestia da vida torna-se insuportável e os poderes públicos não esboçam um gesto sequer para refreá-la. Aos trabalhadores compete, pois, tratar dos seus interesses ameaçados.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 964

Quinta-feira, 12 de Janeiro de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa — Telefone 5339-0

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Destruição e Construção

A obra dos revolucionários

A destruição é necessária; ela deve incidir em tudo que pode corromper ou travar a vida social.

A destruição do existente é uma necessidade. A crítica implacável e justa, sem tréguas, de tudo que merece a nossa repulsa nesta sociedade, impõe-se-nos.

E' obra indispensável salientar, sublinhar todos os seus aspectos, patentes e latentes, inconspicuos, registrar todas as suas incoerências, marcar o ridículo de todas as suas quixotescas fanfarronices, e dos seus costumes, por em esculha todas as suas manigancias, mistificações, intrinsecas, todos os crimes e burlas de que é feita esta burguesia que por aí fóra campeia, pulula, defendida e constituída pelo militarismo, pelo jesuitismo, pelo comercialismo e industrialismo e pelo jornalismo contemporâneo.

E' torçoso, é uma questão higiénica, de saneamento social limpar esta sociedade e fazer desaparecer toda essa falsificada engrenagem, que autoritariamente, violentamente nos explora, nos asfixia! A nós compete dar-lhe combate, dar-lhe batalha!

E perante os ingenuos, os ignorantes ou os que não têm inteligência para observar ou tirar as conclusões lógicas do que vêem, ouvem ou sentem, a nós impõe-se a obrigação de lhes chamar a atenção para os factos, fazendo a devida critica e tirando os corolários, os ensinamentos, as lições que esses mesmos factos podem sugerir a quem é menos ingenuo, menos ignorante, e mais observador. A nós compete pôr a nu, na sua real significação, todos esses factos que são produto duma organização social galeada.

E' indeclinável dever do propagandista dum ideal justo e bom como o nosso, escarpelizar todo o facto social injusto e mau e não deixar escapar, sem o necessário protesto e comentário, um só que seja, desde que esse facto traduza um sintoma, uma manifestação ou resultado de causas, que, perniciosas, vão atrazar, empecer a marcha para a frente, o progresso da Ideia, da nossa Ideia!

Provado pelos factos e pela visão e previsão científica, que a actual organização social está eivada de vícios, possui o vírus dissolvente da solidariedade social, somos logicamente levados a concluir que aqueles que possuem essa visão e previsão da filosofia social, que se sentem animados por um ideal social que esta previsão justifica e comporta, que querem acabar com esse estado social — devem atacar esses vícios até ao seu mais íntimo reduto e não deixar passar em claro um só momento que seja tudo que sucede nesta sociedade e que é efeito desses vícios.

Quem impõe a si contribuir para servir o ideal social que a previsão científica nos faz antever e desejar, não pode deixar de combater, de batalhar, a seu modo e conforme o seu caracter, o existente e tudo que seja um obstáculo à concretização desse ideal.

Não pode descansar, não pode deixar de ver, de estar alerta, e de expor no pelourinho todas as ignomínias dum regime que, cido, teima em viver, mas que deve e tem de desaparecer para bem e lustre da humanidade!

Os menores factos, um anúncio, um caso da rua, um artigo de jornal ou da lei, um sueto, um discurso, uma epistola, uma conferência, uma peça de teatro, um romance, uma poesia, uma afirmação, uma palavra, que traduzam essa podridão burguesa, enfim, tudo que seja uma manifestação da vida desta sociedade, precisa ser analisado, esmiuçado, estigmatizado dia a dia, hora a hora, momento a momento, para que não só passe em julgado e sem a devida critica e o necessário comentário escarpelizar, mas também para a comprovação de que para ali existe não presta e para concomitante justificação da nossa acção revolucionária.

Grande é, pois, o trabalho que se nos impõe e que exige da nossa parte um conjunto harmonico e convergente de infinitas energias e uma inteligência aguda e arguta, das coisas e dos homens porquanto grande, grandiosa é essa obra indispensável de destruição.

Destruição só, não basta; é necessária a construção e construir é também destruir

Mas a nossa grande missão, de contribuir para a efectivação dum ideal que se impõe aos nossos sentimentos humanitários, aos nossos cerebros esclarecidos pelo estudo dos fenómenos sociais, não é só destruir, criticar, dizer mal, porquanto não só isso seria um trabalho incompleto e quicá ineficaz, visto que à míngua de succedêr-se voltaria facilmente ao passado, mas também porque ao lado dessa tarefa, está outra igualmente ou ainda mais importante, que deve levar-se a cabo concomitantemente e para a qual são necessárias todas as nossas energias, físicas, lógicas, sentimentais, intelectuais e sociais, toda a nossa vida!

De batota com as «fichas», todas as criaturas engenhosas se lembraram de os imitar, fazendo concorrência à Casa da Moeda.

De resto, para que tanto mistério? Os moedeiros talvez até se lembrassem de auxiliar o Estado, que assim não terá tanto trabalho em aumentar a circulação fiduciária, salvando-nos a todos duma peste certa — tais eram os microbios agregados ao sedoso papel das cédulas oficiais...

Caminho errado O facto não é novo, antes pelo contrário. Há classes que se esquecem do elemental principio de agir pelo próprio esforço, pela sua organização corporativa, solidária com os restantes organismos.

E, assim, em vez de se organizarem fortemente para impôr as suas reclamações e o cumprimento de direitos e regalias adquiridas, vão cabisbaixas e humildes pedir a interferência de qualquer sr. ministro.

Compreende-se que reclamem dos ministros aquelas classes que trabalham por conta do Estado. Não podem proceder de outro modo, visto ser esse o seu patrão.

Mas que procedam do mesmo modo as classes da indústria particular, é que não está certo e só revela incompreensão do mais elemental espirito de acção. Errado caminho é esse, camaradas.

Assim será. A nós não nos admira o facto. Quer-nos mesmo parecer que o fabrico da moeda é já um mal endêmico incurável. Moeda falsa sempre existiu. E desde que os Municípios e as Misericórdias se treinarão nesse novo modo de negociar, tal e qual como o mercieiro com as «senhas» e as casas

Moedeiros falsos Segundo os jornais de ontem a policia descobriu uma fabrica de cédulas falsas, com importantes ramificações pela provincia. Diz-se mesmo que nesse fabrico estão comprometidas pessoas de alta categoria social.

Abre depois de amanhã, para a imprensa, no salão da *Ilustração Portuguesa*, a sua exposição de pintura, o sr. Carlos Porfírio.

A Arte e os artistas

Propaganda anti-alcoólica A Associação Anti-alcoólica realiza no próximo domingo uma sessão comemorativa do seu 1.º aniversário, na calçada do Combro, 38-A. Estão convidadas a usar da palavra representantes de agremiações operárias

UMA CAMPANHA OPORTUNA "A Batalha" em Alfama

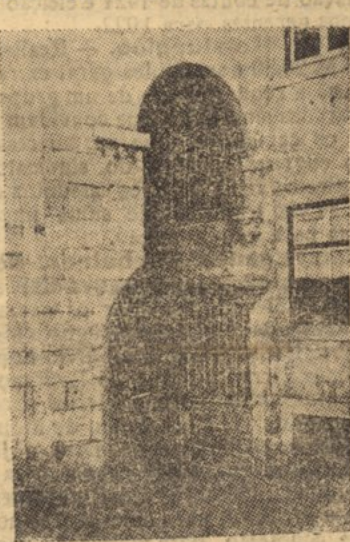
Urge que os poderes públicos olhem pelas condições de vida das crianças

Salvem-se, ao menos, os homens de amanhã!

Forçados, devido aos lamentáveis acontecimentos de que o velho edificio onde estamos instalados foi teatro, a interromper a série de artigos que vinhamos publicando acerca do bairro de Alfama, recomecemos hoje não só para cumprir um dever que nos impuzemos como para dar satisfação às numerosas cartas que recebemos de incitamento à continuação duma campanha com a qual os habitantes daquele antigo bairro só tem a lucrar.

Nos últimos artigos tentámos mostrar ao numerooso público que nos lê em que detestáveis condições de hygiene se está vivendo em Alfama. Evidentemente, que tais condições não são da culpa de quem lá mora, são em grande parte da responsabilidade da Câmara Municipal, que tem votado aos habitantes de Alfama um afrontoso desprezo. Hoje mostraremos quão perigoso é para a infancia o ambiente imoral que ali se respira.

Se há bairro onde a taberna é canero quasi incurável que faz



O Arco de S. Salvador

sofrer os seus moradores horrivelmente, Alfama é um deles. Em cada porta quasi se encontra uma taberna. E' ela o único divertimento do bairro. E' ali apenas que o trabalhador encontra desgracadamente um pouco de distração. Os males que de tais estabelecimentos de suicidio lento provem são bem conhecidos de todos.

Um mau ambiente para a infancia. — Escola de perdição para os futuros homens.

Durante o dia as crianças andam aos magotes pelos becos e travessas. Corpos franzinos, faces macilentas que os olhos nunca crestem, peitos definhados que mil miasmas de mistura com o ar impuro enfraquecem, para ali andam as crianças, abandonadas durante o dia inteiro pelas familias que, pre-

sas no trabalho, outro sítio não tem onde deixar os filhos, a mais ninguém senão à rua podem confiar os futuros homens.

Numa das nossas visitas a Alfama parámos a observar um grupo de crianças que andava num largo, brincando. Os seus gestos eram na sua maioria obscenos; as brincadeiras estúpidas, interrompidas por socos e ponta-pés; a linguagem era porca e repugnante.

Alguns dos rapaziños entravam já na adolescência, meio corrompidos, meio estupidificados — energias que começavam a perder-se...

Chamámos um deles.

— Vem cá pequeno, como te chamas?

— João! — respondeu lesto o pequeno, que de nós se aproximou aos saltos, mirando-nos de alto a baixo com olhar vivo e desconfiado.

— Que idade tens? — prosseguiamos.

— Tenho catorze anos, parece-me.

Ele não tinha bem a certeza. Observamos o melhor. Era de três morena e doentia, envolviam-lhe os pés alpergatas rotas, as calças remendadas tentavam fugir-lhe pelas pernas acima, o casaco que trazia, esfarrapado nos cotovelos, devia ter pertencido a um corpo três vezes maior que o seu.

— Sabes ler? — continuámos.

— Não, senhor.

— Então os teus pais não te mandaram para a escola?

— Não, senhor.

— E tu não gostavas de ir para o colégio?

— Eu gosto mais de andar a brincar.

Ja já a escapar-se para a companhia dos outros que lhe associavam lá de longe. Segurámos-lhe por um braço.

— Espera aí, queremos dar-te uma coisa. Há-de, porém, responder-nos ao que preguntarmos. Porque não vais para casa?

— Não está lá ninguém — respondeu, encolhendo os ombros.

— A tua mãe onde está?

— Foi para o trabalho...

— E teu pai?

— Está na Alfandega, anda também a trabalhar...

— Bem, bem, vai lá brincar.

O João, porém, não arredou pé. Compreendemo-lo. Metemos-lhe na mão algumas cédulas. Virámos já costas, quando ouvimos ainda o pequeno lamuriar:

— Dá-me um cigarrinho? Dê-me um cigarrinho...

Os outros garotos, infelizes provavelmente também abandonados, apupavam-nos de longe...

Estes aspectos lamentáveis, temos a certeza, querêrão os habitantes de Alfama evitá-los.

Rebeldias Antontem à noite, um bando de policia penetrou de surpresa numa casa de jogo e prenderam vinte e cinco jogadores. Andam estes habituados à benevolência das autoridades e certamente não esperavam o mau pedaço que estão passando nos quartéis sombrios do governo civil. Não sou partidário do jogo, mas também não tenho conhecimento da autoridade — autoridade para prender os jogadores. A autoridade representa a vontade dum regime, que é regido geralmente tam por acaso, como um jogador é numa noite de felicidade detido dum grande quantia que o «13» lhe deu. Os regimes políticos são, em regra, o resultado do acaso dum dia de revolução.

Uma revolução política — destas que por aí se fazem com frequência — assemelha-se bastante a um plano que se joga. Ou sai ou não sai... Se sai a revolução triunfa e meia dúzia de indivíduos fazem banca no país. Se não sai — essa meia dúzia de indivíduos vai até à cadeia, como os vinte e cinco pontos surpreendidos antontem.

Por uma entrevista publicada ontem no «Diário de Lisboa» compreendi que o actual governador civil está disposto a perseguir os jogadores — nem que seja no inferno. Eis uma resolução que pouco me incomoda porque não joga — sou jogador. Sou jogador pelo mercieiro e pelo senhorio, pelo padreiro e pelo leiteiro, pela policia e pelos governos...

Agora eu, que não desejo alimentar os que jogam a minha vida e o meu dinheiro, tenho direito a reclamar do sr. governador civil — que o acaso dum revolução, dum plano, levou a lugar que hoje ocupa — a prisão imediata dos ministros que jogaram com a minha situação de homem, dos mercieiros, dos senhorios, dos leiteiros que me tem jogado...

O melhor, porém, é acabar com este jogo de palavras — não vá eu dormir esta noite com os vinte e cinco pontos do Redondo.

Mário DOMINGUES

CONTRA UMA INIQUIDADE

A prisão de Manuel Claro

— Toda a gente de bem deve interessar-se por esta questão — diz o dr. sr. José de Castro

Um homem de bem encarcerado há três anos

Os nossos leitores devem conhecer, de ouvir falar, pelo menos, o célebre caso do chauffeur Manuel Claro que se encontra há três anos preso na cadeia da Relação, no Porto, por amar uma mulher. Vários jornais se referiram já ao assunto, embora ultimamente, não sabemos porque motivo, tenham mantido um silêncio inexplicável.

Sabemos os leitores também que no meio desta questão de amor há quem persiga os amadores em virtude duma fortuna que D. Maria Adelaide, a mulher eleita pelo chauffeur, tem a receber, segundo a lei.

O caso, nas suas linhas gerais, é simples. D. Maria Adelaide, que era esposa do dr. sr. Alfredo da Cunha, não era por este estimada. Havia desgostos íntimos, uma frialdade invencível que os separava. Esta indiferença do marido que não sabe ser marido criou em D. Maria Adelaide um estado de alma propício a novos amores. Estes surgiram.

A esposa abandonada de carinhos apaixonou-se pelo chauffeur Manuel Claro. Poderia D. Maria Adelaide seguir o caminho imoral do adultério, que é o hipocrisia. A hipocrisia, porém, não podia ter lugar no seu caracter recto, nem tampouco Manuel Claro a aceitaria.

Concluiu: D. Maria Adelaide resolveu abandonar o marido, o bem-estar, o ambiente confortável em que vivia para gozar uma existência modesta na companhia do homem que a amava.

Nada mais simples e mais leal! Que importância ao marido, ao dr. Alfredo da Cunha, que sua esposa o abandonasse, se ele não mostrara estima-lhe? Entretanto este senhor opõe-se terminantemente ao divórcio que D. Maria Adelaide lealmente requereu. Se tal opposição não se filia no amor conjugal que não sente, encontra entretanto base suficiente forte na parte da fortuna que D. Maria Adelaide, após o divórcio, teria direito a receber.

A ambição leva um homem a mover contra duas criaturas uma perseguição feroz

Eis o fundamento de toda a questão. E' o dr. Alfredo da Cunha movendo a sua fortuna no sentido de desvirtuar o verdadeiro ponto da questão; é o marido ambicioso a perseguir a mulher que muito legitimamente o abandonou; é o esposo que não soube ser esposo, que não teve carinhos para sua mulher a metê-la num manicomio atribuindo-lhe loucura que não tem; é o sávaro a mover um processo contra o chauffeur Manuel Claro, cujo crime é amar e ser amado, apresentando-o como raptor, atribuindo-lhe o crime de ter encarcerado D. Maria Adelaide que afinal se prova com testemunhas não ter raptado nem encarcerado a mulher que ama.

Tem sido este caso largamente debatido nos jornais; correm por todo o país

um dos crimes de que accusam Manuel Claro e o de ter mantido D. Maria Adelaide em cárcere privado.

— Isso é um absurdo! — exclamou o dr. sr. José de Castro. — Então há alguém que acredite que amando-se eles, como os factos dia a dia o demonstram, Manuel Claro mantivesse a mulher amada em cárcere privado? De resto as testemunhas também desmentem esse facto...

— De maneira que Manuel Claro está preso há três anos sem motivo...

— Exactamente. E' uma injustiça, é crime essa perseguição — continuou o dr. sr. José de Castro. — Toda a gente de bem, todos os que se revoltam contra as injustiças dos homens se devam interessar por este caso.

As comédias da caridade

A sopa que a Assistência Pública distribue não passa duma grosseira mistificação

A revolução de 5 de dezembro deu-nos a ditadura de Sidónio e Sidónio deu a muitos a prisão e aos pobres sopa sem substancia e meio pão sem trigo. Sidónio morreu, mas a sopa ficou. Todos os dias se distribue em todas as freguesias da cidade. A sopa ainda é chamada pelos pobres, a sopa do Sidónio, apesar de pela Assistência Pública terem passado provedores de todas as convicções políticas. E' distribuída em barracos de madeira, e é assim confeccionada: 95 litros de agua, três quilos e duzentas gramas de feijão, quatro quilos de arrós e 400 gramas de banha.

E' como vêem uma verdadeira sopa de caridade, é bem a sopa do Estado, com vezes peor que a sopa conventual. Em vez de matar a fome aos pobres mata os pobres à fome.

A minha piedade para com os indigentes aumentou depois de ter assistido ontem à distribuição que ao meio-dia se fez em S. Cristovam. Ali verifiquei illusão pavorosa daquela sopa insípida, incapaz de alimentar, mas capaz de iludir o estômago vazio dos pobres.

Aquelas quatrocentas gramas de banha para temperar 95 litros de agua, aligou-se-me uma ironia, uma ironia de feroz desapiedade pelos indigentes. E' preciso que a miséria seja forte para que semelhante caldo tenha consumidores. Notei que a maioria dos pobres, eram velhinhas de olhar mortico, andar hesitante, velhinhas a quem a miséria parece ter condenado a sofrer intensamente até que a morte as leve. Algumas agradeceram humildemente numa voz debil, quasi incompreensível. Soube também que a sopa não só dá a fome a quem a bebe, como também liberalmente a distribue a quem a cozinha. O salário das cozinheiras era de quarenta centavos diários! Só há poucos dias se elevou à irrisoria quantia dum escudo e seis centavos! Se preguntarem porque se distribui, segue a seguinte resposta: «A Assistência não tem fundos». Se interrogarem curiosamente porque assim sucede, receberão esta iludiativa réplica: «No tempo de Sidónio muitos particulares auxiliavam a sopa. Hoje esse auxilio particular desapareceu. Desapareceu, com a morte de Sidónio, o coração dos sensíveis doadores, a caridade dos caridosos subscritores».

E teremos forçosamente de concluir, pelo que acima dito fica, que a caridade particular, que alimentava a sopa que esfomeava os pobres, não passava duma especulação política.

Era a fome dos miseráveis que servia de esteio a uma situação politica. Por isso hoje, que disso não há necessidade, o mergulho que os pobres deram na miséria foi mais profundo.

A Assistência já não tem quem lhe assista e os pobres só lhes assiste a tal sopa de agua e feijão, com a ironia cruel dessas sarcásticas quatrocentas gramas de banha.

Aqui tem leitores o que consiste essa sopa que servia de réclame espectacular a um politico, essa sopa negra, sopa maldita, sopa que a fome cozinha para mistificar a própria fome

Cristiano de LIMA

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes
Cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o male prático dos inaladores;
2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e por todas as pessoas que tem de suportar discursos dardados porque as defende de contágios perigosos;
3.º São usadas pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crônicas, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permite-lhes sons reparadores segundis;
4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalora a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em público;

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a ação nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o cancro e o catarro gastrico;
6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a sonolência cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;
7.º Usadas pelos que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo sana o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, influenza, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos
Fórmula n.º 3 (fortissimo) cart. \$100

Depósito dos preparados com selo VITERI:
Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª
Rua dos Fanqueiros, 84, I.º D.

FORMIOL

TONICO MUSCULAR



Medicamento de ex-
to notável na cura da
fraqueza geral, fra-
queza cerebral, avi-
tando a memória e es-
tando a neurastenia.
Os seus maravilhosos
efeitos são abso-
lutamente garantidos no tra-
tamento da anemia, tu-
berculose, fraqueza
genital, doenças do
coração e pulmões,
efeitos nervosos, su-
ores nocturnos, prostra-
ção física, menstruações
irregulares, perdas semi-
naes, escrofulas, linfais-
mo, raquitismo, atecções
ossas, digestões labo-
riosas e fraqueza senil.
Tônico por excelência
do sistema nervoso e
muscular, quistuplicando
as forças e evitando a

que se tem tratado das doenças indicadas e sempre com optimos resultados. Não tem
dieta. A venda em todas as boas farmácias e drogarias. Preço 4 escudos. Correo,
até 2 francos, mais 50 centavos.

Depositar em Lisboa: Farmacia Barral, R. do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60;
Azevedo, Rocio, 31; Quintana, R. da Praia, 186. — Porto: Farmacia Birra, Praça da Li-
berdade, 121. — Coimbra: Farmacia Nogueira, R. Ferreira Borges, 130. — Santarém:
Farmacia Bastos, R. da Misericórdia, 121. — Setúbal: Farmacia Oliveira, R. da Misericórdia, 14. — Braga: Instituto Galenico, Praça do Conde d'Agrolongo, 25. — Évora: Far-
macia Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª, R. de Santo Antonio, 50. —
AFRICA OCCIDENTAL — S. Tomé: José Pedro da Fonseca, R. General Calheiros. —
Loanda: Serra, Annes & Irmao. — Benguela: Farmacia Continental.

DEPOSITO GERAL — Farmacia Albano
57, R. da Escola Politécnica, 59 — Lisboa

SAIDAL OS VAGABUNDOS

E' o único específico ideal e infallivel
indispensavel ás senhoras para a se-
gurança, FRIERAS, — só o verdadeiro
Pó de Maio as cura rapidamente.
TOSSES — só as Pílulas Santas são cura
radical.

FARMACIA OABRAL, Suos. — R. Pre-
sidente Arriaga, 39. — PAMPULHA —
Lisboa.

Perola da China

Rua da Palma, 123 a 139 (1.ª e 1.º andar)

Bolachas HUNTLEY & PALMERS
AS MAIS FINAS, RECEBIDAS DIRECTAMENTE

Pastas de Malaga, nova colheita.
Pudings Freemans (instantaneos).
Pickles, compotas, em latas e frascos.
Marmelada, fabrico especial.
Pão de ló celeste, de Ovar.
Gelatina, alemã (rosa e branca).
Manteiga RIVAL, a melhor.

CHÁS E CAFÉS

TRATADOS COM ESPECIAL CUIDADO
Benedictine, Kerman, Cointreau
E MAIS LICORES, ESTRANGEIROS E NACIONAIS
CHAMPAGNES, Vinhos do PORTO e MADEIRA
Vinho SÃO JOÃO
REGIONAL DE SINTRA. — O MELHOR PARA MESA. — EX-
CLUSIVO DE VENDA EM LISBOA

Pessoal atencioso e delicado
Francisco Manuel Pereira, Limitada
Tel. 418 C. — Telegramas: PEROLA

EXECUTAM-SE PEDIDOS PARA A PROVINCIA

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros
Grande sortimento em chapéus, lisos
e mechas em cores lindissimas,
formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole,
novo modelo americano,
multo elegante,
só na Cooperativ
A SOCIAL



Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets
Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

	Pelo cor- reio	Pelo cor- reio
Adelino de Pinho. — Quem não trabalha não come.....	\$50	\$55
Adolfo Lima. — O contrato do trabalho.....	\$200	\$250
Afonso Schmidt. — Evangelho dos Livres.....	\$20	\$25
Basílio Teles. — O estado das povos.....	\$60	\$70
Briand. — A greve geral.....	\$12	\$15
Campos Lima. — O movimento operário em Portugal.....	\$60	\$70
Carlos Rates. — A ditadura do Proletariado.....	\$40	\$45
Carriro de Moura. — A mu- lher e a civilização.....	\$150	\$160
Cesar dos Santos. — A questão operária e o socialismo.....	\$50	\$55
Charles Albert. — O amor, livro Conte. — Contra o confusio- mo.....	\$10	\$15
Delisle. — Os financeiros, os po- líticos e a guerra.....	\$10	\$15
Domela Nieuwenhuis. — Pátria e Humanidade.....	\$60	\$65
Dufour. — O socialismo e a pró- xima revolução (2 vol.).....	\$200	\$250
Emílio Costa. — Acção directa e acção legal.....	\$60	\$65
Eliavant. — A milha de terra.....	\$250	\$260
Fraser. — A transformação da Fabra Ribas. — O socialismo e o conflito europeu.....	\$80	\$85
Griffuolles. — A acção sindicalista Guilherme de Greef. — As leis socialistas.....	\$50	\$55
Henriette Roland. — A Rússia nova.....	\$12	\$15
Jean Grave. — A Anarquia-Fins e meios.....	\$350	\$365
A Sociedade Futura.....	\$120	\$130
O individual e a Sociedade.....	\$100	\$110
José Carlos de Sousa. — A pro- priedade privada.....	\$20	\$25
José T. Lorenzo. — O minimal- mo Anarquismo.....	\$20	\$25
Jules Guesde. — A lei dos sa- larios.....	\$12	\$15
Krapotkine. — A Anarquia, sua filosofia e seu ideal.....	\$60	\$65
A Grande Revolução (2 vol.).....	\$250	\$260
A moral anarquista.....	\$12	\$15

O Processo do Chauffeur

Pelo advogado BERNARDO LUCAS
com uma carta-préface da
Ex.ª Sr.ª D. Maria Adelaide Coelho

Este livro trata da acção promovida
pelo sr. dr. Alfredo da Cunha contra o
chauffeur Manuel Claro, vítima duma
infame perseguição.

Pedidos à administração de A Bata-
lha acompanhados da respectiva im-
portância.

Preço 2\$00 — Pelo correio, 2\$20
Companhia dos Caminhos de Ferro
Portugueses

LEILÃO

Em 16 de Janeiro próximo futuro, e dias
seguintes, ás 11 horas, por intermedio dos
Agentes de leilões srs. Casimiro Cândido
da Cunha & Sócios, Succeores, na es-
tação desta Companhia em Lisboa, Cais
dos Soldados, e em virtude do Aviso ao
Publico A. n.º 1 de Fevereiro de 1920, e do
Artigo 112.º da Tarifa Geral, proceder-se-
há a venda em hasta pública de todas as
remessas incursas nos respectivos prazos
bem como de outros volumes não reclama-
dos.

Avisa-se, portanto, os respectivos con-
signatários, de que poderão ainda retirá-los,
pagando o seu debito á Companhia, para o
que uieerho dirigir-se á Reparação de Re-
clamações e Investigações na estação do
Cais dos Soldados, todos os dias úteis até
14 do referido mês de Janeiro, inclusive,
das 10 ás 16 horas.

O leilão realiza-se no novo Armazem si-
tuado ao fim do molhe n.º 5 da referida es-
tação de Lisboa, com serventia pela p-
ta existente na ram da calçada de Santa
Apollónia, de frente do gradeamento.

Lisboa, 29 de Dezembro de 1921. — O di-
rector geral da Companhia, Ferreira de
Mesquita.

Companhia Nacional de Navegação

Linha regular de três em três semanas,
entre a Metrópole e as Colónias
Portuguesas

Vapor AFRICA

Sairá no dia 1 de Fevereiro para Funchal,
S. Vicente, Praia, P.º P.º, Príncipe, S. Tomé,
Cabo Verde, Zaire, Ambriz, Loanda, Cuio, B.
Veite, (Ambrizete, Quissanga, Boma, Nogué,
Matadi, L'Annona, Muculo e Mussera com
transbordo em Louanda) Novo Louanda,
Benguela, Mossamedes, B. dos Tigres e
P.º Alexandre.

Vapor MOÇAMBIQUE

Sairá em 21 de Fevereiro para os portos
acima indicados.

Vapor MOSSAMEDES

Sairá em 1 de Março para os portos acima
indicados.

Para carga, passageiros e mais escla-
recimentos, dirigir-se aos escritórios da
Companhia Nacional de Navegação

EM LISBOA: R. do Comércio, 85
NO PORTO: R. da Nova Alfândega 24

Máquinas e Ferramentas

Para as indústrias,
para a agricultura
e para as colónias

Instalações completas de:

Fábricas de moagem, descasque de arroz, massas, serração,
carpintaria, cerâmica, conservas, fição, tecidos, gelo, re-
frigerantes, adubos, papel e outras indústrias.

Lagares de azeite «PIETRO VERACI».
Motores a gaz pobre de 8 a 300 H. P. «PAXMAN».

Tractores «CASE» com as respectivas charruas «Grand-De-
tour» — Os tractores que obtiveram o 1.º premio e meda-
lha de ouro no concurso de Lincoln em competencia com
38 outros concorrentes.

Locomoveis, com fornalia propria para queimar lenha,
«PAXMAN».

Motores a oleos pesados «DIESEL» e SEMI-DIESEL.
Jogos de debulha «PAXMAN».

Enfardadeiras «STEPHENSON».

Máquinas de vapor, fixas, semi-fixas e caldeiras «PAXMAN»
de todas as forças.

Ceifeiras, gadanhais, «DEERING».

Respiçadores e grades de dentes de mola.

Cultivadores e semeadores «PLANET».

Corta-fenos simples e para ensilagem.

Trituradores para rações e cereais.

Desintegradores «CARTER».

Bombas centrifugas, aspirante-pretentes rotativas, Colum-
bia, de jarro e relógio.

Sem excesso de reclame, a casa que tem em armazem não só os maquinismos
que anuncia, mas ainda muitos outros que pela sua diversidade é impossível espe-
cificar. Para comprovar o que afirmamos, convidamos os nossos ex.ªs clientes
visitar os nossos armazens

Fornecem-se propostas e orçamentos

Eduardo Pinto de Sousa & C.ª, L.ª

Telef.: C. 193 e 2288 — 74, Rua 24 de Julho — End. telegr.: Mecânica-Lisboa

LISBOA

Ninguém segure prédios ou mobílias contra incêndio, sem consultar



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7

SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO
Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

A Mundial, de acordo com um fortissimo grupo ressegurador, estabe-
leceu prémios para os seus segurados que DESAFIAM TODA A CONCOR-
RENCIA, oferecendo a máxima das garantias. NÃO SOBRECARRICA os
segurados com quaisquer ADICIONAIS para impostos, que são integral-
mente pagos pela Companhia, nem com custo de apólices. Segura também
contra INCENDIO E ROUBO numa só apólice.

AGENCIAS EM TODO O PAIS

Queiroz L.ª

L. Trindade Coelho, 17
(Antigo L. de S. Roque)

A' grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operária

Sapatos em calf-pret para senhora 11\$00

Sapatos em verniz todos os modelos 20\$00

Botas calf-pret grandes e saldo 21\$00

Botas calf-pret com duas so-
las 22\$50

Grande saldo de botas pretas para
homem 17\$00

Grande saldo de botas bran-
cas 16\$15

Um colossal sortimento em calçado
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-
ra homem a 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra
Barato e Bom

18. R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

Quereis o vosso relógio o con- cer- tado com garantia e por preço módico?

Levae-o ao
33 de S.º André
actualmente
Largo Rodrigues de Freitas, 33
(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO
E OURIÇOS
— DE —
ALVES D'ANDRADE, L.ª

ISQUEIROS

Pedras para isqueiros, vendem-se no
Largo do Conde Barão, 55, (Tabacaria
do isqueiro á porta).

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.ª L.ª

Telefones (central) 2778 e 3478
gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os officios
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro,
latão, zinco, chumbo e arames diversos.
Carrias, vagonetes e todos os pertences de material
«Douvillier»

22, largo de S. Julião, 23

Rua Nova do Almada, 1, 8 a 9

LISBOA